



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9139 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

O ENCONTRO DA CRIANÇA COM A CIDADE: OS ESPAÇOS PÚBLICOS COMO LUGARES DE APRENDIZAGEM

Larissa Franco de Mello Aquino Pinheiro - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Vania Carvalho de Araújo - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

O ENCONTRO DA CRIANÇA COM A CIDADE: OS ESPAÇOS PÚBLICOS COMO LUGARES DE APRENDIZAGEM

Resumo

A nossa investigação objetiva identificar por meio de imagens de cidades brasileiras, na virada do século XIX para o século XX, como as crianças se apropriaram das ruas da cidade, fazendo delas um *locus* de produção de sociabilidades e de conhecimento da cidade. A afirmação das ruas como espaço avesso às crianças parece contradizer a sua histórica presença nas cidades. Por meio de imagens foi possível identificar que o plano onde a criança está situada, permite outras possibilidades de reflexão pouco evidenciadas nos estudos acerca das crianças nos acontecimentos da cidade. Em termos metodológicos, acessamos fontes arquivísticas, por meio das quais realizamos pesquisa documental, como forma de encontrar esses testemunhos (BLOCH, 2002). Nossa abordagem em relação à fotografia é buscar a sua dimensão histórica e sua possibilidade de uso na composição de um conhecimento sobre o passado baseada nas contribuições de Martins (2017) que chama a atenção para aquilo que está à margem, como possibilidade explicativa das contradições sociais. Concluímos que existiram diferentes formas de sociabilidades entre as crianças e seus pares, como também nas relações com os adultos, nos espaços públicos, o que demonstra que as crianças viviam para além da convivência na escola e do ambiente doméstico.

Palavras-chave: educação de crianças; infância; cidade; Primeira República.

Introdução

A nossa investigação tem como objetivo geral identificar por meio de imagens de cidades brasileiras, na virada do século XIX para o século XX, como as crianças se apropriaram das ruas da cidade, fazendo delas, um *locus* de produção de sociabilidades e de conhecimento da cidade. O cenário da investigação tem como referência a Primeira República no Brasil (1889-1930), onde a legislação revelava em seu conteúdo a preocupação

do país em torno de um reordenamento político e social, com o surgimento das ideias de identidade nacional, que dominaram o país principalmente a partir da passagem para o século XX.

Para as autoridades da época, nesse período, as ruas eram consideradas o local do ócio, da imoralidade e do crime, onde se reproduziam formas de sobrevivência marginais em permanente e contundente exposição, sendo assim consideradas inapropriadas para a presença das crianças. Na década de 1920, a cidade do Rio de Janeiro, então Capital da República, foi cenário de intervenções reformistas tanto de cunho educacional, como urbanístico que se associava a um projeto de reforma e disciplina das camadas populares.

Contudo, a afirmação recorrente que as ruas das cidades eram consideradas um local avesso às crianças, parece contradizer a sua histórica presença nos espaços urbanos. Por meio de imagens disponíveis, na passagem do século XIX para o século XX, no Brasil, foi possível identificar que o plano onde a criança está situada, permite outras possibilidades de reflexão pouco evidenciadas nos estudos acerca da presença das crianças nos acontecimentos da cidade. A partir dessa problemática, nossa investigação pretende avançar nas discussões, tendo como fio condutor a interface entre a cidade, a criança e a educação.

Fica evidenciado por meio de algumas pesquisas nessa temática que a escola ocupou um lugar central no projeto civilizador que chegava nas cidades brasileiras através da instrução pública, a começar pela Capital Federal. Conforme nos traz Monarcha (1989), o escolanovismo mobilizou diferentes setores da sociedade com a finalidade de superar o atraso nacional e permitir a entrada do país na modernidade, cabendo a pedagogia gerar uma nova forma de sociabilidade que tinha a escola sua instância principal.

Preliminarmente, concluímos que existiram diferentes formas de sociabilidades desenvolvidas entre as crianças e seus pais, como também nas relações entre crianças e adultos, nos espaços públicos da cidade que pretendem ser desveladas durante o desenvolvimento desta investigação em andamento, o que demonstra que as crianças viviam para além da convivência existente no ambiente doméstico e das instituições escolares. Também que sua existência demarca formas de resistências aos enquadramentos normatizadores da cidade republicana.

Como a infância era percebida?

Segundo Carvalho (2017) existiu nesse período uma elaboração de um imaginário social com o objetivo de legitimar o regime político republicano recém-instalado como possibilidade de formar visões de mundo e modelar condutas. Dentro do movimento higienista instalado em instituições médicas, escolares e jurídico-policiais a partir dos ideais republicanos, identificamos que as crianças foram afetadas em seus modos de se viver e habitar os espaços das cidades.

De acordo Rizzini (1997, p. 29) existia uma visão ambivalente em relação à criança “em perigo versus perigosa”, tornando-se dominante no contexto das sociedades modernas, crescentemente urbanizadas e industrializadas. As crianças pobres eram consideradas “delinquentes em potencial”, ideia esta que, dos compêndios jurídicos, adquiriu destaque na imprensa e dali para diversos setores da sociedade. Essa ambivalência em relação a uma dada percepção de infância estava associada a determinados estratos sociais, sendo a periculosidade invariavelmente atrelada à infância das classes populares.

Dessa forma, as propostas e encaminhamentos na formulação da política para a

infância fizeram parte da forma como o país foi se constituindo, combinando clientelismo, populismo e autoritarismo, em diferentes contextos de institucionalidade política e de regulação das relações sociais. Na primeira década do século XX, os poderes públicos desenvolveram uma política de criação de instituições para atender às categorias dos chamados menores (RIZZINI; VOGEL, 1995).

Assim, educar tinha por meta moldá-la para a submissão ao formar mão de obra para os mais diversos serviços urbanos e industriais, de acordo com a demanda das relações capitalistas de produção. No mesmo passo, segundo Paulilo (2011) a escola pública ficou compreendida como sendo um tipo de síntese de reforma social organizada pelas oligarquias mandatárias no controle das populações urbanas, e, sendo assim, a inserção da escola assumiu um papel de destaque através de estratégias de ação sobre o espaço habitado.

A pesquisa documental: atrás e através das imagens

A escolha da metodologia qualitativa em pesquisa sociológica como pretendemos “[...] tem como pressupostos uma compreensão de metodologia como o conhecimento crítico dos caminhos do processo científico, que indaga e questiona acerca de seus limites e possibilidades” (MARTINS, 2004, p. 289). É com base nessa premissa que iniciamos a exposição sobre a metodologia utilizada em nossa investigação.

Até o momento, contamos com um acervo com mais de cem fotografias de crianças em diferentes cidades brasileiras. A escolha das fotografias obedeceu ao critério de seleção definido pelo período de recorte temporal da pesquisa documental, ou seja, de 1889 a 1930, e a presença de crianças nos cenários registrados, sobretudo em áreas urbanas das cidades brasileiras, em especial das capitais, que passavam cada uma a sua maneira por processos de modernização que atravessaram o período da Primeira República.

A pesquisa percorreu alguns bancos de imagens disponíveis *online*: fundos, coleções, acervos, de modo a atender a noção de série, extensa e homogênea, obedecendo uma cronologia. O tema que reúne o *corpus* fotográfico que organizamos é a criança presente na cidade, sendo este nosso critério de seleção. Após a coleta de dados, iniciamos às análises das imagens, ainda em andamento, em diálogo com as fontes textuais que trouxessem informações sobre esse período estabelecido na investigação.

A dualidade entre essência e aparência surge na discussão através do modo de pensar dialético: “[...] assim, também, as fotos, as imagens que observamos, tem seu lado aparente, a imagem propriamente dita, e o lado oculto de sua produção, da história e da técnica com que foi feita, das relações e valores que nortearam a sua realização daquela forma, e não de outra” (CIAVATTA, 2008, p. 45).

Para superar a visão imediata das aparências tomamos a fotografia de modo a “[...] interpretá-la no conjunto de relações presentes no local e no tempo de sua produção” (CIAVATTA, 2008, p. 46). Isso significa inseri-la dentro dos processos sociais complexos da essência oculta do fenômeno que são reconstruídas no nível do conhecimento histórico, dentro de determinada totalidade social que faz parte do mundo objetivo.

Dentro desse ponto de vista, contamos com a colaboração de Martins (2017) que chama a atenção para aquilo que está à margem, como possibilidade explicativa das contradições por meio de uma leitura sociológica de fatos e fenômenos sociais, ao apontar ocultações e revelações intrínsecas às imagens. Dessa forma, o que nos chama atenção é o que está à mostra, mas também o que está ausente na leitura das imagens sob investigação.

Primeiras impressões: resultados e discussões parciais

Percebemos que as crianças não estão invisibilizadas. Elas não se encontram de forma passiva diante do mundo adulto, ao contrário, elas também deixam marcas que produzem novos testemunhos sobre a cidade. A fotografia é esse suporte que nos permite encontrar os indícios de relações sociais, de maneiras de ver o mundo, de nele viver e de compreendê-lo, inclusive das relações adulto-criança na configuração do urbano.

As crianças não estavam excluídas do mundo dos adultos, além disso, as crianças não se limitavam individualmente a interiorizar a cultura adulta que lhes é externa, apesar da urbanização ditar formas de ser e de estar na cidade (LEFEBVRE, 2001). De acordo com Corsaro (2011, p. 113) “[...] pelo contrário, as crianças tornam-se uma parte da cultura adulta, isto é, contribuem para a sua reprodução através de suas negociações com os adultos e da produção criativa das culturas de pares com outras crianças”.

Mesmo com a ideia veiculada de que as ruas eram locais perigosos e violentos, encontramos através de imagens, a presença das crianças, em suas diversas manifestações, nos espaços das cidades brasileiras na virada do século XIX para o século XX. Segundo Camara (2010) existia uma forma maniqueísta de lidar com os limites estabelecidos entre a rua e a escola. De um lado uma ideia degeneradora da rua como agente de contaminação da população pobre, e, de outro lado uma ideia preservativa da escola como capaz de exercer um papel preventivo dos riscos advindos de um ambiente vicioso e condenável às crianças em formação.

Desde então, a escola surgiu como um espaço de educação por excelência, destituindo o lugar da criança na cidade. Concordamos com XXX (2019), quando afirma que as crianças através de suas experiências cotidianas produzem conhecimentos sobre a cidade, inclusive, deslocando o primado da escola como principal referência educativa e de uma determinada presença na cidade. Também de que as crianças têm a capacidade de inaugurar outros modos de ocupar e viver a cidade por meio de suas sensibilidades. É a partir dessa perspectiva que analisamos nossas imagens, levando em consideração a histórica invisibilização das crianças nas cidades.

Considerações finais

A infância re(tratada) como pretende nossa investigação é a possibilidade de fazermos essa revisão de um passado recente buscando novos significados nas relações da criança com a cidade. Ao que tudo indica há indícios de que houve outras maneiras de se viver a(s) infância(s) na cidade e um novo conjunto de possibilidades para ser desvendado, e, que talvez ainda tenha passado despercebido.

Quanto aos resultados encontrados até o momento, identificamos que as fotografias encontradas, sobretudo, nos álbuns governamentais, apontam a presença de crianças em vários contextos de cidades brasileiras em processo de modernização. Também percebemos a cidade como possibilidade de construção de sociabilidades públicas, mesmo diante de um cenário em que se identifica cada vez mais a diluição das fronteiras entre o público e o privado, com o predomínio do ideário da modernidade e suas formas de segregação socioespacial.

A nossa investigação pretende analisar por meio das imagens as relações das crianças

com os espaços urbanos das cidades brasileiras. Apesar das inúmeras interdições existentes no processo de modernização das cidades brasileiras e o papel assertivo da escola dentro desse contexto, podemos afirmar que as crianças conseguiram extrapolar as limitações ditadas por uma cidade normatizadora, e que de diferentes formas se fizeram presentes nos espaços das cidades. E que a cidade ensina às crianças para além dos limites normatizadores da escola.

Referências

XXX, XXX. XXX. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, Vitória, ES. a.16, v. 21, n. 49, jan/jun 2019, p. XXX.

XXX, XXX; XXX. XXX. XXX. **Pro-Posições**. Campinas, v. 28, Suppl. 1, 2017, p. XXX.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CAMARA, Sônia. **Sob a guarda da República**: a infância menorizada no Rio de Janeiro da década de 1920. Rio de Janeiro: Quartet, 2010.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CIAVATTA, Maria. Educando o trabalhador da grande família da fábrica: a fotografia como fonte histórica. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (Orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação**. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

CORSARO, William Arnold. **Sociologia da infância**. Tradução de Lia Gabriele Reis Regius. Porto Alegre: Artmed, 2011.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2017.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago, 2004.

MONARCHA, Carlos. **A reinvenção da cidade e da multidão**: dimensões da modernidade brasileira: a Escola Nova. São Paulo: Cortez, 1989.

PAULILO, André Luiz. A cidade como programa: Escola pública e vida urbana na capital da Velha República. **História Social**, n. 21, segundo semestre, 2011.

RIZZINI, Irene. **O século perdido**: raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil. Rio de Janeiro: Petrobras-BR: Ministério da Cultura: USU Ed. Universitária: Amais, 1997.

RIZZINI, Irma; VOGEL, Arno. O menor filho do Estado: pontos de partida para uma história da assistência pública à infância no Brasil. In: PILOTTI, Francisco; RIZZINI, Irene. **A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Interamericano Del Niño, Editora Universitária Santa Úrsula, Amais Livraria e Editora, 1995.

